

Colisão com a burrice

Quando o País entra em rota de colisão com a burrice, não há nada que fazer a não ser pedir a Deus que nos proteja no momento do choque. O Brasil perdeu, literalmente, o pouco de razão que ainda conservava após tantos anos de uma política ensandecida. Agora já se fala a linguagem do otimismo calcada em dados pessimistas, como se fossem coisas compatíveis. A quem duvidar, veja-se esta pérola atribuída ao líder Pimenta da Veiga depois de uma avaliação da conjuntura na reunião do Conselho Político do governo: "O que se verifica é que a economia interna vai bem. Os índices de emprego estão crescendo, os salários proporcionam maior poder de compra e o consumo interno é crescente. Tudo isso proporcionou melhoria de vida aos brasileiros, mas, por outro lado, pressiona a inflação". Não lembra isso o refrão da popular cançoneta francesa *Tout va très bien, madame la marquise?*

O pior é que se registra o mesmo diapasão nas palavras do líder do PMDB e do senador Chiarelli: os aumentos salariais do funcionalismo e a prática da trimestralidade realimentam a espiral inflacionária, mas isso apenas serve para demonstrar que "não há tratamento de choque na política do governo no combate à inflação". E o líder Pimenta da Veiga finaliza, sapiente: "Todos nós desejamos que a inflação baixe; o compromisso do presidente Sarney, no entanto, é com o crescimento a 5% este ano" ... Que a inflação suba, pois!

A candura dos ilustres parlamentares quando analisam problemas cruciais da Nação só encontra paralelo no desafio do assessor presidencial Luiz Paulo Rosenberg ao examinar a questão: "Quem souber baixar a inflação abruptamente, sem causar uma profunda recessão, que venha ao Palácio do Planalto". Não sabemos se o jovem economista quis dizer "venham fornecer-me a receita" ou foi mais claro: "Que venham tomar o poder". O segundo sentido

da frase talvez seja o melhor — ou alguém acredita que a esse ritmo de crescimento da inflação, mesmo que se chegue este ano aos 5% de crescimento do PIB, mais dia, menos dia, alguém não se atreva a subir a rampa do Planalto, numa terça-feira?

Não se brinca com coisas sérias — que o digam todos aqueles que contribuíram para desorganizar a economia na América Latina, levando a democracia de cambulhada com a alta dos preços. Quando o governo — o velho e depois o novo —, em 12 meses, faz que a dívida pública em títulos cresça 539% e incentiva a alta da taxa de juros, que torna inviável a produção; quando o ministro do Planejamento admite, timidamente, que a inflação vai chegar a 220% (mas 3,8 pontos de porcentagem abaixo da do ano passado!), e quando em Brasília se diz que as coisas vão bem porque vamos crescer 5% ao ano, algo está errado e alguém está enganado: ou o PIB vai de fato crescer e então descobrimos que a produção pode crescer com taxas de juro que hoje estão beirando os 33% reais ao ano (não se considerando a reciprocidade e *otras cositas más*) e que podemos conviver com uma inflação de 11,5% ao mês, ou é impossível continuar suportando essa desorganização da economia produzida pela inflação e pela dívida pública, e os políticos estão conscientemente dizendo coisas sem sentido. Mentem, pois, ou são ingênuos.

Infelizmente, parece que eles dizem coisas sem sentido. A Argentina também teve momentos de euforia na sua luta contra a inflação; também lá se apostou no crescimento da economia tendo em vista as eleições; da mesma maneira lá se desafiam os outros a ir à Casa Rosada. A sra. Maria Estela Martinez de Perón fez o desafio várias vezes e o general Videla foi a palácio buscar seu lugar; a Junta Militar seguiu-a no desconhecer a realidade da economia (dando-se ao luxo de até fazer uma guerra) e também pagou seu preço; o presidente

Alfonsin pretendeu enveredar pelo mesmo caminho, mas sabiamente voltou atrás e fez a recessão, que agora é mais severa porque não a quiseram fazer menos drástica no passado. Tudo cai sempre nas costas do povo.

Evidentemente, o governo brasileiro não tem por que estar preocupado: ninguém vai subir a rampa do Planalto e o Executivo ou o Congresso não sofrerão prejuízo algum se a inflação for de 220 ou 330% ao ano. Os salários continuarão a ser pagos, os jetons a alimentar o bolso dos congressistas, as pensões dos deputados a ser custeadas pelo Tesouro. Quem sofre com tudo isso é a Nação, que vê seus valores morais desacreditados, a ética do trabalho posta de lado, o crédito do País no Exterior desmoralizado — perde-se a "confiança em que alguém solverá os seus débitos", bem como a "Autoridade" —, as instituições conspurcadas. Pouco se lhe dá, a quem canta o refrão irresponsável *Tout va très bien...*, que no Exterior se levem em linha de conta as divergências entre as duas correntes, a que aceita correr o risco da recessão e a que deseja ganhar as eleições de 86, ostentando profundo desdém pelo FMI e pela economia clássica. No entanto, o governo se esquece de que a realidade cobra seu tributo aos que se desacreditam na condução dos negócios públicos. Tributo pesado, quase sempre.

Em agosto, voltamos à inflação de dois dígitos. Diz-se que o presidente Sarney vai pedir aos governadores que dêem o exemplo e não gastem. E a União? Quando vai deixar essa postura de avestruz e enfrentar os fatos de frente? O governo da Nova República não quer ser o síndico de uma massa falida; o curioso é que a Nação elegeu Tancredo e Sarney para que, conduzindo o processo falimentar, salvassem pelo menos a honra da firma. Nem isso se vai tentar fazer, a pretexto de crescer 5% ao ano?